**PRODUÇÃO TEXTUAL: UMA ANÁLISE DA PRÁTICA EM SALA DE AULA NAS ESCOLAS DO RN.**

João Paulo Amorim de Oliveira

Graduando – UERN ([jp.a.oliveira@hotmail.com](mailto:jp.a.oliveira@hotmail.com))

Lílian Mabel da Costa Fernandes

Graduanda – UERN ([lilianmabel.adm@gmail.com](mailto:lilianmabel.adm@gmail.com))

**RESUMO**

Este trabalho objetiva analisar a prática do ensino de produção textual em salas de aula comparativamente e sob a luz das teorias da Linguística Textual, amparado principalmente pelas noções de Texto, Textualidade, Análise Textual dos Discursos, e Ensino de Produção Textual presentes nas obras de Koch e Elias (2016), Antunes (2010), Marcuschi (2008), Passegi (2010), Santos (2010), dentre outros. Os dados desta pesquisa foram coletados através da observação de aulas de português numa turma do nono ano do ensino fundamental, e análise do material didático utilizado pelo professor no desenvolvimento de uma atividade de produção textual submetidos ao nosso exame crítico desta conduta, pautado na linha teórica mencionada. Ou seja, utilizamo-nos de métodos qualitativo exploratórios de pesquisa. Constatamos uma quantidade de desafios e barreiras que perpassam o domínio do professor acerca do conteúdo; sua competência didática para que suas aulas não se tornem a simples execução do roteiro que propõe o material didático, mas tenham significado e finalidade para os alunos; as condições estruturais e culturais da escola.

**Palavras-chave:** Produção textual. Ensino Aprendizagem. Linguística textual. Didática.

**Introdução**

Segundo acompanha-se nas pesquisas de linguística e didática, com foco especial às ideias cultivadas no século XX, é possível observar relevantes mudanças quanto ao tratamento da língua, seu ensino e aprendizagem e a percepção que se faz do aluno, do professor e da escola e os papéis que desempenham neste processo. Considerando a relevância da proficiência nos processos de leitura, escrita e oralidade como objetivo máximo do ensino de língua materna, e a perceptível defasagem entre as teorias estudadas e os resultados demonstrados em sala de aula, como é possível notar comparando-se os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) e os resultados demonstrados no Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB), como bem observa Palomanes (2012, p.13) quando afirma que “o desempenho dos alunos na disciplina língua portuguesa não tem sido satisfatório”, entendemos que, além do estudo das teorias, devemos observar, na prática, como se tem dado este ensino.

Com este trabalho objetivamos, inicialmente, demonstrar nossa vivência no acompanhamento de aulas de Língua Portuguesa no nono ano do Ensino Fundamental na Escola Municipal no município de Pau dos Ferros - RN, bem como numa Escola Estadual no município de Severiano Melo - RN, especificamente no Ensino Fundamental e Médio, a partir do conhecimento teórico construído nas aulas da disciplina Linguística II.

Através desta observação e constante comparação com o que foi estudado em Linguística Textual (LT), pretendemos demonstrar a nossa experiência, conhecimentos construídos, análise crítica e elaboração de proposta didática.

O objetivo é observar se as teorias estão sendo articuladas com a realidade da sala de aula nas práticas docentes; ser capazes de descrever as falhas, caso haja; e oferecer propostas alternativas que tornem as atividades escolhidas pelo professor observado mais producentes.

**Síntese teórica: Texto, Textualidade, Análise Textual dos Discursos e Ensino de Produção Textual.**

Falar, escrever e ler são importantes habilidades humanas que nos possibilitam a interação social, construção de nossa personalidade e representação da nossa realidade. Tudo isto através da língua. Segundo Marcuschi (2008, p. 64) “A língua é uma atividade social, histórica e cognitiva, desenvolvida de acordo com as práticas socioculturais e, como tal, obedece à convenções de uso fundadas em normas socialmente instituídas”.

O veículo que articula e concretiza esta língua é o Texto. “O texto é o resultado de uma ação linguística cujas fronteiras são em geral definidas por seus vínculos com o mundo no qual ele surge e funciona” (MARCUSCHI, 2008, p. 72). Esta funcionabilidade do texto entende-se por *textualidade*. “Nenhuma ação de linguagem acontece fora da textualidade”, conforme preceitua Antunes (2010, p. 29), afirmando ainda que textualidade é a construção colaborativa de sentido entre os envolvidos numa interação sociocognitiva concretizada no texto, na ação comunicativa. Segundo Beaugrande (1997), citado por Marchuschi (2008, p.79), “O texto é um sistema atualizado de escolhas extraído de sistemas virtuais entre os quais a língua é o sistema mais importante”.

Santos (2012) diz que, um dos objetivos principais do ensino de português é desenvolver a competência da comunicação em geral, cabendo à escola ampliar o foco voltado para a leitura e a escrita, procurando também no meio disso, envolver a oralidade.

Ainda sobre o papel da escola, Marchuschi (2008, p.55) ressalta que:

Envolve também o trabalho com a oralidade. Evidente que não se trata de ensinar falar, mas de usar as formas orais em situações que o dia-a-dia nem sempre oferece, mas que devem ser dominadas. Além da escrita e da oralidade, estão ainda envolvidas no trato da língua materna, questões relativas a processos argumentativos e raciocínio crítico.

Trabalhar, portanto, a produção textual numa visão interacional e reflexiva, na escola, são de grande valia, uma vez que trabalha a língua em seu funcionamento a partir das condições de produção e recepção. “Que o ensino da língua deva dar-se através de *textos* é hoje um consenso tanto entre linguistas teóricos como aplicados” (MARCUSCHI, 2008, p. 51).

Calha ressaltar a questão de trabalhar a análise de um texto, explorando seus critérios de textualidade, partindo do pressuposto de que texto é uma unidade de sentido e não um amontoado de frases.

Importante frisar também que, segundo Santos (2012), há uma grande variedade de gêneros textuais e, que nós nos comunicamos por meio de algum gênero, daí a importância que a noção de gênero assume no trato sociointerativo da produção linguística.

Qualquer proposta de produção textual que seja, é sempre muito bom que esteja inserida em um eixo temático, já sendo bastante analisado e debatido com a turma, isso também é fundamental.

No texto intitulado “Intertextualidade e ensino”, das autoras Mônica Magalhães Cavalcante, Mariza Angélica Brito e Aurea Zavam, são abordados os fenômenos mais interessantes da linguagem que vai interferir na compreensão de textos.

As autoras defendem a ideia de que ter ciência dos diferentes modos de flagrar o diálogo entre os textos pode repercutir de forma positiva sobre a compreensão e produção de textos.

É sabido que a intertextualidade sempre foi uma questão bem significativa para os estudos linguísticos, de onde provêm os estudos de Bakhtin (2005[1929]), sobre a questão do dialogismo, bem como de uma noção bem ampla de intertextualidade. As autoras realizam seus estudos voltados para uma visão Bakhtiniana, envolvendo os processos intertextuais. Elas falam ainda que, é de grande relevância o professor discutir com os alunos a importância desses processos intertextuais, para uma construção argumentativa, além dos sentidos do texto, que se faz a partir de uma referência ou alusão a outro texto.

Sandoval Nonato Gomes-Santos, Leonor Wernek dos Santos, Maria Francisca Oliveira Santos, M. Cristina de m Taffarello e Luiz Carlos Travaglia compõem o comitê do texto “A contribuição da(s) teoria(s) do texto para o ensino”, e esse texto explicita o percurso de aproximação dos estudos textuais com a questão do ensino-aprendizagem na escola. Segundo esses autores, o pressuposto dessas relações de aproximação é bem expresso por Marcuschi (s/d) quando menciona o lugar do texto na prática escolar. E daí, com base nesse pressuposto e no percurso de investigação do campo dos estudos textuais brasileiros, a tarefa dos autores se distribui em três objetivos específicos, quais sejam: i) caracterização de como o diálogo com o ensino se configurou, levando em consideração a leitura-escrita, oralidade e gramática; ii) apontar as gradações mais recentes desse diálogo; iii) ponderar as implicações dos estudos do texto para a teoria do ensino-aprendizagem.

O material textual nos fornece pistas para a leitura, por conseguinte, caberá o leitor, acionar seus conhecimentos prévios e utilizando estratégias de uma visão interativa para a coconstrução de sentidos.

Segundo Marcuschi (2008), para que a escola, em uma perspectiva sociocognitiva e sociointeracionista, forme leitores críticos, é necessário haver o trabalho de um grande número de gêneros textuais.

A oralidade é um objeto prestigiado no campo desse percurso de investigação dos estudos textuais brasileiros.

Travaglia (1996,2004) recomenda, para o desenvolvimento da competência comunicativa, que sejam trabalhados os recursos linguísticos na sua dimensão significativa nos planos semântico e pragmático e nos níveis textual e discursivo.

A coerência também tem a sua importância, pois seus aspectos relativos trouxeram muitas contribuições ao ensino de produção e compreensão de textos.

Há também outro campo de estudo da linguística textual importante para o ensino de gramática, que é o das categorias de texto (tipos, subtipos, gêneros e espécies). E, com o advento dos PCNs na década de 1990, os gêneros textuais ganharam vulto, uma vez que os PCNs pediam que o ensino de língua fosse desenvolvido em torno dos gêneros.

Portanto, o que tem que se fazer é priorizar a competência comunicativa dos alunos, em outros termos, a abordagem dos gêneros na escola pode-se caracterizar por uma sistematização coerente e uma reflexão sobre os papéis dos interlocutores, melhorando a compreensão, consequentemente, a produção textual.

**Percurso metodológico**

Este trabalho apresenta uma análise prática do ensino de produção textual na sala de aula, sob a luz das teorias de linguística textual. Os principais estudos que norteiam este trabalho serão apresentados na Análise e Discussão dos Dados, onde é demonstrado o que foi observado na sala de aula durante o período das observações com uma carga horária de 10h/a e descrever, ou seja, mostrar algumas atividades realizadas pelo professor, buscando embasá-las e/ou contrapô-las nas teorias estudadas sobre Linguística Textual e Didática, e no que se observa nos PCNs; e relataremos sobre os resultados alcançados por estas práticas de sala de aula. Posteriormente apresentaremos proposta didática, ratificada pelas teorias que estudamos, com intuito de dirimir falhas ou limitações ora vislumbradas, e que enriqueçam e tornam mais producentes as aulas de produção textual. E, para finalizar, ressaltamos nas considerações tudo o que foi feito durante essa prática de pesquisa e suas contribuições para a nossa vida acadêmica, como para o ensino de língua portuguesa.

Nesse contexto, a presente pesquisa apresenta uma abordagem qualitativa, pois segundo Silveira & Córdova (2009, p. 31): “a pesquisa qualitativa não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc.

A produção textual tem como objetivo facilitar a interpretação, a produção, trabalhar os problemas da coesão, coerência no próprio texto, desenvolvendo uma habilidade de compreensão, identificando os gêneros textuais, ou seja, é uma série de coisas que nos possibilitam a trabalhar e reconhecer vários desvios.

**A experiência na escola do Município de Pau dos Ferros-RN**

Foram assistidas aulas de língua portuguesa em duas escolas distintas. Em cada uma houve metodologias próprias, as quais são descritas separadamente.

Em uma Escola localizada no município de Pau dos Ferros/RN, foram assistidas 10 horas/aula na única turma do nono ano do Ensino Fundamental, no turno matutino nos dias 29/05, 05/06, 08/06, 12/06 e 15/06. A turma conta com 30 (trinta) alunos. A formação acadêmica da professora é Graduação em Letras Português, Especialização em Literatura e Ensino e Mestrado em Ciências da Educação. O material didático usado é “Universos: língua portuguesa, 9º ano”, da Edições SM, 2015.

Nas primeiras aulas a professora trabalhou o conteúdo do material didático com alunos, o qual apresenta uma discussão sobre padrões socialmente impostos. É feita uma discussão em sala e a professora interpela os alunos sobre o que eles entendem por *padrão* e por *diversidade*.

O material em si leva uma discussão bem simples comparando sanduíches e casas diferentes, mas os próprios alunos levaram à tona outros padrões vivenciados por eles, seja estética ou socialmente falando. “1. A imagem 1 exibe um apetitoso sanduiche. Se disséssemos que a imagem 2 também apresenta um sanduiche, você acreditaria?” (p.13) Porém a discussão não foi aprofundada, apesar dos alunos demonstrarem que eles gostariam de leva-la adiante.

Por ser um tema muito abordado atualmente nas redes sociais os alunos demonstraram identificação com ele, porém o material se vale disso para introduzir outro tema sem deixar clara a ligação com a questão dos padrões, que seria a *Representatividade*. Esta ruptura no sentido não contribuiu positivamente com a continuidade da proposta do material, pois eles foram levados a crer que trabalhariam outros temas.

A professora precisou trazê-los ao conteúdo do livro didático que introduz o gênero Discurso Político-estudantil. Através da discussão do filme “O Discurso do Rei” — que não foi assistido pelos alunos, conforme foi constatado ao questioná-los, e a professora não conseguiu dispor de meios para levar o filme pra que eles vissem sem sala —, são introduzidos os conceitos de discurso político de forma bastante elementar.

O gênero em si não é discutido propriamente, mas são feitos questionamentos acerca de aspectos percebidos pelos alunos em contato com quaisquer discursos políticos que já tenham visto ou ouvido. Após esta discussão, a professora incentivou os alunos a elegerem uma liderança para a sala. Para tanto, os que se interessaram proferiram pequenos discursos, que não chegaram a ser escritos, e foram votados e eleitos, no mesmo dia, um líder e um vice-líder, sem que fosse trabalhada com eles a funcionalidade disto.

Na aula seguinte a professora retoma o material que trás uma atividade de leitura com dois discursos político-estudantis, os quais, segundo a proposta do livro, deverão ser lidos e um deles escolhido para ser proclamado em classe, conforme a entonação que eles entendam adequada, e há a possibilidade de se fazerem reformulações nos discursos originais, segundo o aluno queira. Mas esta atividade foi realizada de outra forma, pulando as etapas propostas pelo material e deixando a impressão de que esta escolha ocorreu devido a nossa presença, pois a professora foi direto à última atividade da unidade, que articula a escrita individual dos discursos de cada aluno na situação hipotética de serem candidatos à presidência de um grêmio estudantil.

A professora orientou os alunos que a produção deveria ter, no mínimo, 20 (vinte) linhas e que eles poderiam escolher ler para a sala ou somente entregar o texto escrito, havendo vantagem avaliativa aos que escolhessem ler em voz alta. Contudo a professora não estipulou um prazo, e muitos alunos sequer começaram a atividade naquele dia, sendo-lhes concedido o direito de entregar na aula seguinte. Uma pequena parcela dos alunos leu o discurso para a turma e um número muito pequeno entregou a produção escrita, somente 9 (nove) dos trinta alunos, alguns leram e não entregaram a produção escrita. A produção também aconteceu num momento em que boa parte da turma está engajada com a realização do São João da escola.

**A experiência na escola no Município de Severiano Melo - RN**

Já na Escola de Severiano Melo, durante as aulas observadas, a professora começou fazendo perguntas aos alunos, se alguém sabia se o “Artigo de Opinião” seria um gênero textual e onde a gente o encontrava. Eles responderam que sim, participando pouco da aula porque tinham vergonha. No mais, não responderam onde se encontra esse gênero textual. Nesse meio termo, a professora explicou que o Artigo de Opinião é um gênero textual e que se encontra em revistas, jornais, no qual profissionais, personalidades e especialistas são chamados a expor seu ponto de vista sobre determinado assunto, argumentando em favor de suas ideias a fim de conquistar a adesão de seus interlocutores. De uma forma geral abrangeu todo o conteúdo acerca do tema.

Podemos constatar que o tipo de ensino adotado pelo docente é o ensino comunicativo. Ou seja, o docente interage muito com os alunos e possui um ensino bem dinâmico.

Em seguida, a professora pediu para os alunos lerem o artigo de opinião que estava proposto no final do capítulo do livro, tratando-se do problema da exposição excessiva das pessoas nas redes sociais e, responderem as questões de que tratavam o texto. Um texto escrito por Luli Radfahrer, professor da Escola de Comunicação e Artes da USP e pesquisador nas áreas de internet e inovação digital, inclusive, um ótimo texto.

De prontidão, os alunos atenderam ao pedido, e logo se identificaram com o texto. O tempo foi curto para a atividade, ficando, pois, para a próxima aula.

Uma das questões da atividade, pergunta qual a posição do autor a respeito do uso das redes sociais, se ele é a favor, contra ou é intermediário. Chamando a atenção é que toda a classe acertou tal questionamento, e referente às outras questões, nem todos responderam todas, e nem todos acertaram todas. Mas a grande maioria tentou responder.

Com relação à concepção de educação da professora pode se verificar que ela é muito preocupada com o aprendizado dos alunos na sala de aula e colabora ao máximo no que pode para ajudar o aprendiz como, por exemplo, intervindo por meio de perguntas para saber realmente se eles estão aprendendo o conteúdo ministrado e sempre repetindo a explicação.

A docente tem a consciência, que é por meio da educação que se pode mudar uma sociedade na qual está inserida como sujeito em processo de ensino e aprendizagem e, é por meio dela (educação) que se formam cidadãos com objetivo de modificar ações concretas no meio social em que vivemos.

Com uma educação de qualidade qualquer país ou nação consegue se transformar em um local com mais chances de desenvolvimento e isso levando em consideração, como o professor considera a linguagem como meio de comunicação e interação entre indivíduos existentes no meio social. Nas aulas observadas a linguagem é entendida como veículo responsável pela comunicação.

A docente conseguiu atingir o objetivo proposto porque nas aulas observadas houve bastante interação e comunicação entre esta e os aprendizes e, isso foram constatados através das atividades realizadas.

**Propostas didáticas na Escola de Pau dos Ferros-RN**

O material didático utilizado apresenta uma proposta de produção textual com base no gênero discurso político-estudantil. Como vimos, não existe, por excelência, um gênero mais ou menos indicado de ser trabalhado em sala, mas que a diversidade de gêneros deve ser explorada como ferramenta que possibilita o desenvolvimento da competência comunicativa do aluno, segundo Santos et al. (2010, p. 322-323):

A ênfase da LT na análise de gêneros textuais, numa visão sociointeracionista, destacando aspectos linguísticos, estruturais e contextuais, vem ao encontro das propostas dos PCNs para leitura e produção de textos como a base para a formação do aluno, considerando que a língua não é homogênea, mas um somatório de possibilidades condicionadas pelo uso e pela situação discursiva. Por isso, deve ser oferecida ao aluno uma diversidade de gêneros textuais.

O material didático trás ao aluno um gênero que não faz *link* com sua realidade, pois eles não têm vivência com grêmios estudantis, tampouco já tiveram que fazer discursos em situações de interação reais, mas nem por isso não são um campo muito rico de ser explorado, levando-se em conta, também, se tratar de uma escola pública onde os alunos tem o direito garantido em lei de se organizarem em grêmios estudantis; que a competência discursivo-argumentativa será trabalhada fortemente com este gênero; que estes aprendizados tem potencial para transpor a produção textual escrita e avaliativa, inclusive por levar um gênero pouco explorado por eles, mas de temática muito conveniente à realidade deles.

É perceptível, portanto, que o gênero trazido pelo material, discurso político-estudantil, poderia ser trabalhado de forma mais pormenorizada, engajada e funcional. Com base nisto, e na proposta de produção textual apresentada por Santos (2012), desenvolvemos a seguinte proposta de atuação didática, mantendo o mesmo gênero em foco.

* Apresentar os gêneros textuais, suporte e tipos textuais (caso estes assuntos não tenham sido estudados ainda).
* Enriquecer a discussão levada pelo livro trabalhando mais detalhadamente os aspectos específicos do gênero, podendo se valer dos mesmos textos já presentes no material:

[...] identificar marcas características encontradas na estutura, na organização; verificar a maior ou menor presença de elementos coesivos; perceber qual a intenção do produtor, a quem se destina e onde será veiculado o texto a ser produzido [...]; identificar o contexto da produção textual; compara as marcas do gênero com as de outros textos já trabalhados com os alunos [...]; listar no quadro as características do gênero analisado.” (SANTOS, 2012, p. 104).

* Organizar a eleição do líder e vice-líder da turma através da produção textual do discurso político-estudantil.
* Pré-escrita: debate sobre a escola com os alunos para observar as carências e/ou demandas, e guiar a listagens de possíveis propostas a partir disto. Debaterem estas propostas por prioridade, para que percebam as que podem ser realizadas por eles, explicando como farão e porque são questões importantes; e as que estão além do alcance deles, discutir em turma sobre quem são as autoridades competentes e responsáveis por resolvê-las, e nortear o debate em torno de soluções, sempre se deixando claro o que podem realizar por eles mesmos, por sua escola, mas principalmente por seu aprendizado.
* Planejamento do texto: explicar o roteiro de como construirão o texto a partir das propostas deles mesmos; detalhar as partes do discurso político-estudantil.
* Primeira produção escrita: agendar data para entrega do texto que será corrigido, porém não avaliado, para que o possam melhorar no que puderem.
* Avaliação da produção: o texto será corrigido e avaliado, e a correção não se limita a jugar entre erros e acertos, mas ainda em promover a autoavaliação do aluno no que poderia melhorar no texto.
* Organizar o momento da eleição, em que os alunos lerão seus discursos e elegerão o líder e vice-líder da turma, debatendo e justificando sobre os motivos da escolha. Não será um momento de obrigatoriedade, participará da eleição quem realmente pretende se candidatar à liderança da turma.

**Propostas didáticas na Escola de Severiano Melo - RN**

Neste caso, o que se poderia propor aos alunos do 9º ano, turma observada, seria o seguinte: faríamos de conta que eles teriam recebido um convite de um *blog* bem conceituado, e na oportunidade eles iriam escrever um artigo de opinião sobre a gravidez na adolescência, elencando o papel da família, da escola, da mídia e do governo na conscientização dos jovens. O texto que mais se destacasse iria compor uma seção especial do *blog*, de forma que o adolescente exponha a sua visão acerca do assunto.

Infelizmente, não foi possível acompanhar o resultado final de qual texto mais se destacou e qual texto recebeu a premiação da publicação na página do *blog*.

A professora trabalha com os objetivos de ensino propostos pelos PCN’s que é ensinar, preparar e formar sujeitos para as novas exigências que o mercado de trabalho exige dele além do conhecimento da língua materna.

**Considerações finais**

Ao término, concluímos que este trabalho foi de grande contribuição para nossa formação como alunos e futuros professores. Pudemos constatar na observação das aulas que é o ensino comunicativo onde os alunos interagem e ele (o docente) é o mediador da sala de aula e não o “transmissor de conhecimentos” como era visto (e ainda é em muitas realidades, sabemos disso).

Umas das dificuldades encontradas foram à observação de se trabalhar a produção textual na sala de aula, uma vez que encontramos resistência em alguns professores, o que nos atrasou demasiado; além de ser perceptível que o planejamento de aulas foi “atropelado” devido nossa presença, e com isso saíram perdendo os alunos das instituições, principalmente.

Contudo, apesar da dificuldade, o objetivo do presente trabalho foi alcançado, levando em conta à importância de se trabalhar a questão da produção textual, já que isso faz parte do nosso dia a dia, e, muito mais relevante, mostra-se o “calo” do ensino de língua portuguesa. A experiência nas escolas contribuiu, significativamente, para nosso aprendizado. Pudemos observar a atuação de bons profissionais; compará-las às teorias que discutimos em sala de aula; pensar melhores formas de se trabalhar a produção textual em sala de aula.

**Referências**

ANTUNES, I. Noções preliminares sobre o texto e suas propriedades. In: \_\_\_\_\_. **Análises de textos**: fundamentos e Práticas. São Paulo: Parábola Editorial, 2010, p. 29-44.

BENTES, A. C. Linguística Textual. In BENTES, A. C.; MUSSALIN, F. (orgs.) **Introdução à Linguística**: domínios e fronteiras. Vol.1. 7 ed. São Paulo: Cortez, 2007, p. 17-41.

BRAVIN, A. M.; PALOMANES, R. (orgs.). **Práticas de Ensino do Português**.1 edição. São Paulo: Contexto, 2012.

KOCH, I. G. V.; ELIAS, V. M.. Escrita e interação. In \_\_\_\_\_. **Ler e escrever:** estratégias de produção de texto. 2 ed. 2ª reimpressão, São Paulo: Contexto, 2008, p. 31-52.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção Textual, Análise de Gêneros e Compreensão**. 3 edição. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

SANTOS, L. W.; RICHIE, R. C.; TEIXEIRA, C. de S. Produção de textos orais e escritos. In: SANTOS, L. W.; RICHIE R. C.; TEIXEIRA (orgs.). **Análise e produção de textos.** São Paulo: Contexto, 2012, p. 97-133.

CAVALCANTE, M. M. *Os sentidos do texto.* São Paulo: Contexto, 2012 (Coleção Linguagem e Ensino.

TRAVAGLIA, L. A. *Texto e coerência.* São Paulo: Cortez, 1989.

BENTES, A. C.; LEITE, M. Q. (orgs.) Linguítica de texto e análise da conversação: panorama das pesquisas no Brasil. São Paulo: Cortez, 2010.